

38^o FENATA

FESTIVAL NACIONAL DE TEATRO



Ponta Grossa / PR



ESPETÁCULO

LARGHETTO OU DOIS A SÓS

de Fábio Pinheiro

Cia. Caligrafia de Teatro
da Cooperativa Paulista de Teatro de São Paulo

Responsável pelo grupo:

Fábio Pinheiro (Diretor, ator, dramaturgo)

11 – 5365-4238 ou 5062-5226

(Este presente espetáculo se destina preferencialmente para espaços alternativos)



LARGHETTO O DOS SÓC

Guia y Dirección: Fabio Pinheiro

Universidad Ciudad de Las Artes

Av. Marconi, 2400 - (Bog. Concepción Arenal)

Provincia de Córdoba - Argentina

Texto

LARGHETTO O DOS A SÓC

De Fabio Pinheiro

(Na cena, uma ante-sala. Depois de uma porta, 02 pequenas outras salas, com um grande comedor no centro e uma luz. Nas quatro salas, uma pequena mesa, uma cadeira, um bico de luz. Nada mais. Silêncio. 02 Atores se revezam, sendo hora 01 ator e 01 espectador, e assim, sucessivamente. Dois espectadores são escolhidos entre todos os presentes e conduzidos a sala de espetáculo numa cadeira de rodas, com um pequeno cobertor)

CONDUCTOR

(Na ante-sala, antes do espetáculo começar)

Bom tarde. Sejam todos bem-vindos a esta casa. É um imenso prazer recebê-los. O espetáculo que vocês verão esta noite se intitula "Larghetto ou Dos a Sós", com duração de 50 minutos. Se alguém possui algum aparelho sonoro, celular ou similar, por favor, é essa a hora de desligá-los. E sendo assim, tudo previamente combinado, façamos agora um pacto, ou melhor, farei agora um convite muito simples, mas que é muito importante para o bom andamento do espetáculo. Peça a todos que esqueçam quem são. Seus

nomes, suas idades, de onde vieram, enfim, convide a todos para uma experiência. E... como assim, dizem vocês?, o que é que esse louco está dizendo? Que experiência será esta? Eu digo. É a experiência do fim de ser. Todos vocês terão, a partir de agora, um novo nome, Johnny. Não importa Johnny de que, Johnny de onde, porque Johnny, enfim, todos serão apenas Johnny e ponto.

(distribui-se para cada espectador um diário, onde estão escritas as seguintes profecias:)

"A Por solidão que existe é a solidão a dois. Quero saber se você vem comigo e não andar e não fazer. Quero saber se juntos alcançaremos a comunicação. Por fim, e com alguém a ver o ar puro, a luz isolada de cada dia, um objeto terrestre é não ter nada que tocar. Por fim, não fazer como os colonizadores, trocando baratinhos por silêncio. Pago eu aqui pelo seu silêncio com uma condição: não nos compreender!"

CONDUCTOR 1

Entreguem isso para a pessoa que você encontrar lá dentro, você e... ah, sim. Ouçam muito bem o que eu direi agora. Não respondam nunca, jamais, ao que lhes perguntarem. Não façam absolutamente nada que mandarem. Isso poderá ser fatal. E quem foi, ou quem é ou quem será esse Johnny? Vamos supor que esse Johnny, no caso vocês, foi um músico de sucesso no passado e que nos dias de hoje se encontram nessas circunstâncias.

(Música. Abrem-se as portas. Entram quatro cadeiras de rodas. Os espectadores são postos, cada qual em uma, e conduzidos pelo corredor de luz respectivamente a cada sala. Cessa a música. Silêncio. Fecham a porta atrás do espectador com violência e a luz na pequena sala cessa também. Silêncio. Batem a porta três vezes. Na terceira, entra na sala um ator e a luz começa a subir em resistência. O ator traja uma roupa sóbria, com um chapéu e traz consigo um lindo ramalhete de flores. Olha o espectador. Segue.)

ATOR

(Pega o diário das mãos do espectador e lê, diante do outro)

Janeiro ou...Agosto, talvez, eu não me lembro...dia tal, ano tal, cidade tal. Saudações e Saudades. Caríssimo: eu não consigo. Já começa assim: não! A única coisa que de concreto eu consigo te dizer agora. Lá fora chove, chove muito. Hoje choveu o dia inteiro. O dia é cinza e eu também estou cinza assim, por dentro. Tá tudo claro, tudo lindo. Minha cabeça baia uma música que vem daqui, é... (aperta a conexão sua e do outro). E eu não me arrependo. Não me arrependo de ter saído, de ter voltado, de te ocupar na casa, de ter escarnado sangue na banca de jornal ali da esquina ainda há pouco, enfim, de ser o que sou e não interessa o que sou. Olha... ou melhor, não olha: me veja! Não, não, não, não, não. Eu hoje acordei com a cabeça cheia de coisas! E não me acordou, eu não consigo. Cada um com suas manias, né, fazer o que? Nada demais. Me incomoda, só isso, o que não tem absolutamente nada a ver com você. (tempo. Olha o outro) O que não tem absolutamente nada a ver com você, pelo amor de Deus, não é isso, é uma outra coisa. Não é você, entende?, quando eu falo? Sou eu! É, eu sou assim mesmo, incapaz de me compreender. Pra você ver, é... Eu... né?, corre, corre, corre e não sinto nada. Não sinto dor, cansaço, saudade, raiva, eu não sou humano, não sou nada! Sou merda, peido, suor, eu sou normal, eu falo! Minha cabeça roda, meu sangue borbulha, minhas veias dançam...Não consigo, desculpe! Que raiva! (Abre a boca, estática, lembrando O

Grito, de Munch) Grito, grito e não ouço o som da minha rouca voz. Não sinto desejo, não, desprazo... sou o próprio paradoxo, eu cheiro a Janatani! Não sou, não sinto... o que é que eu ven fazer aqui? Para onde vou, de onde eu vim? Claro, escuro, afimidos... Ar, vento, sangue... morte. E foi... Se foi... e não resta nada a fazer, a dizer, a chorar! (para de ler), isso é tudo? (tempo. Vira a página) "Você está aqui, é o que basta. Tolerância, tolerância! Dói, sabia?", pensar que... enfim, não importa. Apenas tolerância, esse é o tema. Só consigo pensar no ontem! Por que, quando, como... (vira outra página) Não me toquei, eu meifei, me paguei no colo, acaricie minha pele, esteja comigo, fique comigo! Hoje acordel cheio de coisas! (para de ler) Pronto, isso é tudo? (tempo) As flores, você viu?, olha, continuam crescendo. Ai eu trouxe pra você ver como elas estão bonitas. Veja como elas estão lindas! (as flores são secas, murchas) São pra você. Acha que eu fa uma boa escotcha? Acha que eu tenho bom gosto? (tempo) Tem umas que eu gosto mais, ai eu deixei pra que mande levasse para si. Fiorão melhores lá, com ela. Escotchi assim umas cinco ou seis, cada uma de uma cor, cada uma de uma espécie, você precisava ver. Mamê adorava, adora flores de Macela, principalmente a... como é que é o nome? As que ajudam no sono, aquelas. Macelas, isso! Mamê adorava, adora flores de Macela! (tempo) As que eu levei até lá, ontem, não estavam mais lá. Devem ter tirado, né. Ou levado mesmo. Afinal, eram todas tão lindas, cada uma de uma cor, cada uma de uma espécie. Azuis, Brancas... Mamê com certeza deve ter gostado. Gostou, gostou sim. (tempo. Olha o autor) Aiê, precisamos cuidar do jardim, viu. De jeito que as coisas vão, é a única coisa que nos resta! (tempo. Ouve-se ao longe, som de bombas) Iremos, eu e você, e láis cinco de lá tarde, mais ou menos, para regamos o jardim, você quer? (tempo. Suspira. Toma um pouco de algo) Bom isso! Mas acho que já bebi um pouco demais para uma simples comemoração. E você, o que acha? (tempo. Um tom de brincadeira) "Eu sou gordinho". Lembra? "Todo mundo da minha família é gordinho. A minha mãe, o meu pai, o meu imôcozinho... até o meu cachorrinho é gordinho. Quando eu fico triste, eu fico assim. Quando eu fico alegre, eu fico assim. Mas quando eu ando de moto com o meu imôcozinho, eu fico assim: 'Vai DEVIAGAR!' (ri muito) Lembra? Como é que era, heim, Johnny? "Mas quando eu ando assim de moto com o meu imôcozinho, eu fico assim: 'vai devagar!' (ri mais) Ai, você não existe, Johnny. Não existe, uma música que o ator toca ou que se ouve ao longe, em mais a bombas! Schubert! É Schubert sim, não é? Gosta? É claro que gosta. (A música vai sumindo) Por que os ritmos e as melodias mostram-se semelhantes aos estados da alma? Porque a música, Johnny, meu caro, é um exercício oculto da metafísica sem que o espírito saiba que está filosofando. Ainda acha que eu sou um gênio? (rir-se). Tem estado as costas um papel escrito Chutema, por favor. Pega uma pequena caixa, onde dentro, tem um pequeno pedaço de bolo com uma vela. Do sublime ao ridículo não há nada mais do que um passo". Deve haver algum tipo de sabedoria nisso tudo, não acha? Perspectivas risonhas, meu caro Johnny, perspectivas risonhas! "O grande espírito é loucura por certo é aliado e estrelas distantes mantêm suas áreas em separado". (acende a pequena vela do bolo. É da número zero) Vamos, sopra e faça um pedido. Não, não, veja, assim, ó. Você... né?, faz o biquinho e sopra o ar bem devagar, assim, ó. Entende? Agora sopra. Sopra, Johnny! (tempo. Sopra ele mesmo) Hoje é o seu aniversário. Por isso, é... eu lhe trouxe um presentinho. Eu teria apenas lhe comprado uma cerveja, mas quem sabe onde isso terminaria, não é? Então, em vez disso, eu trouxe... um sino (toca três vezes) Como é que era mesmo? "Toma!...". era assim? Eu não me lembro! Como é que era, cabeça? "Toma! e come! Este é o meu corpo que será entregue por vós. Toma e bebe!" É, agora me lembrei, era assim: "Toma! e bebe! Este é o cálice do meu sangue. O sangue da nova e eterna aliança que será celebrado por vós e por todos os homens, todos..." Isso também inclui eu e você. "Por vós e por todos os homens para a redenção dos vossos pecados. Fazei isso em memória de mim!" Amém! (toca o sino. Tempo. R.) Como é que ele falava, Johnny? "Ide em paz, meus caros irmãos, e que Deus vos

acompanhar "Órapas a Deus". "Viu, hej Johnny. Quando é que a mamãe Visitou ou a mamãe veio lá fazer os pasteizinhos, os famosos pasteizinhos de palmito?" E lá vinha ele, gordo, com os famosos pasteizinhos de palmito de mamãe regados a um bom vinho! Tinha um vinho designado aquele padre, lembra? Todo domingo, após a missa, os velhos pasteizinhos de palmito de mamãe enchendo o rabo do vigário da cidade. E dá-lhe pastel! E dá-lhe engoratar a autoridade, o símbolo do poder! **(tempo)** Mamãe! **(tempo)** Mudando de assunto, tremendo responsabilidade essa é de redimir o pecado dos outros, não acha? Eu não queria estar no lugar de Jesus Cristo, sabe, lá, com os dois braços abertos, morrendo de asfixia, porque só pode, né. Jesus Cristo não morreu pelo fato de a lança ter sido penetrada em seu peito somente, né, fazendo com que a água, a grande purificadora de almas caísse por sobre esse mundo podre, aliviando a possibilidade do grande fim, que sempre existiu, do qual sempre tivemos um pavor terrível. Não não, morreu de asfixia. Falta de ar, meu caro Johnny, falta de falta de ar! **(põe uma bombinha de asma)** Jesus Cristo veio a esse mundo para provar da fraqueza do homem e vencer a morte. E venceu a morte. Nasceu aos vinte e cinco de Dezembro, segundo alguns... cinco mais dois é igual a sete, e Deus descansou no sétimo dia. Cita como a gente interpreta tudo! Podia ter descansado no sexto, já que o último elemento a ser criado no universo já se constituía, mas descansou no sétimo, porque seis é o número da imperfeição, 666, três vezes imperfeito. E a metade de seis, qual é? Morreu Jesus Cristo aos trinta e três anos, segundo também alguns, portanto perfeito três vezes três, um dos símbolos da santíssima trindade Pai, Filho e Espírito Santo e ressuscitou no terceiro dia. Escolheu no decurso de sua vida apenas dois, né... dois mais um, três, dentre os quais, um é apunhalado pelas costas e assalvou como o grande traidor da história, com um beijo, né?, malhado até hoje, coitado, inocentemente num misto de crueldade e brincadeira num pau de sebo nos sábados de aleluia e que teve um evangelho descoberto recentemente que recorta essa menda toda, né... e outro, tendo um galo cantado três vezes o nega. Diz que não o conhecia, que nunca o viu antes, mas mesmo assim teve em cima de sua pedra, significado do seu nome, a edificação de... uma igreja. Temos então sobrados onze, porque esse último, ao contrário do primeiro, não se enfurcou. Um mais um, são dois, e para tudo ser perfeito conforme Deus quer, colocaram um de suplente. Eis aí novamente dois. E dois mais um quanto é, Johnny, quanto, quanto, quanto? Tchará! Três! Hei? Três, óia, Três. **(tempo)** A que ponto chegamos! Curioso esse negócio de relação, né? Muito curioso! Três, Jesus Cristo, Deus, Pai, Filho e Espírito Santo... eu, você, um... sim, tolerância. **(tempo)** Toleremos, é o que tem pra agora. Não é esse o Lema? Apenas toleremos! É o que nos resta, né?, é o... é o que nos resta! **(tempo)**

Quem sabe o que fazemos pra chegar até aqui, não? Eu, você, a humanidade... e redimidos de que, né?, por quem? **(tempo)** Engraçador! Você deve estar se perguntando: por que um sino, né, mas por que um sino? Na verdade, eu acho que você vai se perguntar isso cada vez que você o encontrar no seu bolso. Você sabe que eu gosto de pensar que cada vez que você o encontrar nos eu bolso, uma pequena parte de você vai se lembrar do passado?, porque você está aí, Johnny, não adianta me enganar! Cita pra mim! Está em algum lugar, né? Só não sei bem ao certo onde, mas que você está aí, disse eu tenho a absoluta certeza, não adianta me enganar! **(pegando o sino, Tempo)** Nos velhos tempos, sabe, as pessoas eram obcecadas pelo medo de serem enfermadas, vias. Não sendo a medicina aquilo que é hoje, não era assim muito incomum as pessoas acordarem de repente, em um caixão. Então, o que os ricos faziam? Não? Eles faziam com que seus carões tivessem tubos pra respiração, pequenos tubos que saíam assim pela lama acima para que se algum acordasse em algum lugar onde não deveria estar, não ficasse sem oxigênio. Só que eles devem ter testado o engenho, o fatuoso sistema e percebido que se podia gritar até ficar rouco pelo pequeno tubo, mas ele era muito estreito pra poder levar o ruído. Quer dizer, pelo menos não era assim suficiente pra poder chamar atenção. Então... resolveram colocar uma cordinha, que passava assim pelo

tubo até um pequeno sino preso à lapide. Se um morto voltasse a vida, tudo o que teria pra fazer era tocar o sino (foca o sino), até que alguém viesse e caísasse novamente. (tempo) Ai eu fco aqui imaginando você em um tribuna sei lá, né?, diante, diante da morte se indagando porque é que você tem um sino. Talvez você até o toque algum dia, não é? (Se Deus quiser. Se Deus quiser! (tempo)

Ah, a propósito, acho que posso ter tido de penhorar o velho relógio pra poder compra-lo. Eu só não te falei antes porque achei que não teria problema. Bom, mas também, pra que diabos precisariamos nós de um relógio, né? O tempo não existe, é uma abstração! Seremos os dois a partir de agora capazes de chegar atirados ao nosso próprio funeral. E como saberíamos se estamos atirados ou não? Não temos mais o velho relógio! (percebe algo na parede) Nem pense nisso, tá ouvindo? Afinal, que tipo de idiota estaria interessado no final de sua própria história? Hein? Que tipo de idiota? (Pecha o diário diante do outro) Pra que se precisa de um relógio? Uma antiquidade. Um peso morto agarrado ao seu pulso, um símbolo, um símbolo do velho você, do velho eu. Aquela nós dois, que somos um, que acreditava no tempo, na passagem do tempo. Não que tenhamos, sei lá, perdido a fé no tempo, mas o tempo é quem perdeu a fé em nós. Chta só pra mim, né?, chta só, chta só pra você? (tempo) Está começando a se aborrecer comigo, né? Quer que eu toque alguma coisa pra você? Ainda acha que eu sou um gênio? (tempo) Quem quer ser um desses tolos, lunáticos, que vivem sempre na segurança de um instante após o outro em que supostamente sentiram alguma coisa? Não? Vivendo no próprio instante, no qual nunca sentiram nada? Rastecendo pelas pontas de um relógio, segos, acreditando na mentira de que o tempo curará todas as suas feridas? E o que é isso? Nada! É apenas um jeito simpático de dizer que o tempo nos mata aos poucos, né, que estamos todos! Todos esperam o fim chegar, mas e se ele já houver passado por nós? Á? E se a parte final do dia do juízo é que ele já veio, já passou e não nos demos conta, tudo acabou ficando na mesma mente? (tempo) Já pensou? O apocalipse, o grande fim, chega silencioso, aí os escondidos, lá! Também inclui eu e você, são pastoreados ao perigo e o resto de nós, aqueles que não passaram na prova, sequer em frente, ignorando, só ignorando, não estando nem aí pra porra nenhuma? Não? Já mortos vagando por aí bem depois de os deuses ou anjos passarem de anotar os nossos erros num placar, ainda otimistas em relação ao nosso futuro, já pensou se isso acontecesse? Então não importa o tempo, Johnny, não importa o que vamos fazer pra evitar qualquer coisa, estamos todos, é inútil. Não há esperança, é o fim. Se você puder achar algo importante no tempo, então não importa, porque nada importa, né?, porque o segredo é esse: é nunca precisar se arrepender de nada. Mas se você puder achar, algo importante no tempo, então você pode mata-lo sem se preocupar com as consequências, porque não há consequências, Johnny, não existem consequências, entendeu? Hein? Tá me ouvindo? O tempo são três coisas, três coisas pra maioria das pessoas, três, chta: presente, passado e futuro, mas pra você, pra nós, é apenas uma. Você é agora o resultado depois que não se esforçou pra que fosse diferente no passado, uma singularidade, um instante: esse instante! Apenas esse, chta. É como se fossemos como... sei lá... como se estivéssemos no centro de um relógio, no eixo sobre o qual giram os ponteiros e o tempo seguisse a nossa volta, mas nunca se segue em nós. Afinal, o que é que dizem? Não? Que o tempo é o senhor da razão? Á? Que o tempo é dinheiro, é furto? Mas não pra você, não pra nós. A hora é agora, mas também não é, toda sei! Estamos diante de um grande paradoxo, Johnny, nós somos o próprio paradoxo, é assim que deve ser. O tempo não existe, é uma abstração! A única coisa que existe de verdade é esse momento, esse momento reperto um milhão de vezes, o seu aniversário, né... 'vata longa ao Johnny... É pique, é pique, é hora, é hora... É pra Johnny nada? Tudo!', esse momento, a nossa eterna convivência, o nosso pacto. (tempo) Você não tem coragem de me deixar, teria, por um só instante que seja? Claro que não, claro! É pra onde é que você vai? Não? Você depende de mim pra tudo! Nossa relação é uma relação

de causa efeito. Johnny. É, é isso mesmo. Me diz: quem foi que cuidou de você a vida toda? Hein? Quem é que tem pena de você? Não, eu digo pena no sentido bom, não é uma forma pejorativa, entende, quando eu falo pena? Quem nesse mundo, nessa penúria de mundo, teria pena de você? (tempo) Ok, eu não sei se pena é a palavra certa pra evocar tudo isso, todo esse meu discurso, mas eu tenho pena de você, é sério. De verdade. Vão? Ó, você não acredita, mas é a pura verdade. Quem mais teria pena de você? E olha que eu torno a dizer, não é pena no sentido pejorativo, viu, da palavra, não não, não é isso. É uma outra coisa. É que não me vem uma outra palavra agora, só isso. Quem mais teria pena de você como eu tenho, Johnny? Vamos pensar. A sociedade? Os seus amigos? O que, o tempo? O tempo não teve pena de você, ele passou, olha. Olha só pra você. Coloca um espelho na frente de outro(s) É, esse é você. Espelho olha, quero que você conheça o Johnny, vamos, Johnny, esse é você e você eu, esse é o Johnny. Vamos, diga olá. Passou, olha. O tempo, passou! (e olha qual no chão) Quem teria paciência de ficar assim o dia todo na sua frente, atendendo todas as suas vontades, hein? Atendendo, né?, todas as suas vontades, me responde? Outro, no meu lugar, já teria te chutado e bunda há muito tempo é, não entendi, olha eu aqui cuidando de você eu, do seu novo você eu, do que você eu é agora. Não? O novo você-eu (tempo. Toque) É fosse e fosse e fosse. Masita fosse não para nunca! Anda bem, olha, que tem remédio... né? E o que adianta? O sarape tem aí na sua frente e você não tem força pra pega-lo. Pode estar bem aí na sua frente e você não pega, olha, tenta. Vão? Você sequer se mexe! (tempo) É porque é que você me olha assim, com essa cara? Isso não me assusta, viu? Tá com raiva de mim, tá? O que é que você quer? Janela? Quer ir pra janela, quer? O que é que você quer ver lá, o pôr-do-sol? O Pôr-do-sol não é agora não, é só... Oi? Você disse alguma coisa? (tempo. Som de bombas. Um pouco mais próximo) Quer ir pra lá, eu te levo. Quer? (leva o outro. Como se o espectador protestasse) Tá bom, tá bom, tá bom. Quer voltar? Hein? É, você quer. Pronto. (tempo) Resolveu mudar de ideia, é? Eu posso com isso? Pronto! (em tom de brincadeira, depois de um tempo) Ah, tá brincando comigo, é? Hein? Tá brincando comigo? Sem graça! Pra onde agora? Para o alto e avante! Não? Pra onde agora? (abre a porta do outro para ouvir o que ele tem a dizer) Não, não dá. Lá fora... lá fora não há. Acabou, acabou tudo. É, na janela dá pra ir, agora lá fora. (tempo) Ah, vai ficar com essa cara agora, é? Desmancha essa cara, vai (tempo) Ah, é assim? Tá bom, então vai. Eu não faço mais nada pra você! Vai. Se mexe, rapaz! Finta aí se mexer, vai. Quer ir embora de mim, então vai. Me deixa aqui sozinho. Só que eu te digo uma coisa, tá me ouvindo, doutor? Só que eu te digo uma coisa: se você sair por aquela porta, nunca, nunca mais você entrará por ela, viu, doutor? Nunca, nunca mais! Não adianta nem pedir, é inútil. Depois de merda feita, não adianta querer voltar atrás. Passou daquela porta é pra sempre. É também, ora vamos. Pra onde é que você ira? Vai, me responde: pra onde é que você ira assim, desse jeito? Quem cuidaria de você, a morte? Só se for! Pude testa essa, hein, Johnny! Que coisa fazer (tempo) Não, eu não estou dizendo isso não, não é nada disso aí que o senhor está pensando. Ela, a morte, vai chegar um dia, entendeu?, mas não agora. É ela não cuidaria melhor de você do que eu. Ela é feia, dolorosa. Aquela coisa que ela carrega passa assim pelas suas articulações, é, é a dor do inferno, te dói assim interminável e a dor, ah, a dor é terrível. É. Ela é velha, feia, parece uma bruxa. É você que quer aí me trocar pela morte? Não, você não tem saia, Johnny, duvido. Eu daria assim um três... não, três dias é muito, eu daria assim algumas poucas horas, vai, pra você saber de novo a minha porta me pedindo pra voltar. Mas é um bôzo mesmo. Eu não to querendo ser convencido não, não tem nada a ver! Pra quem tem medo até de trovão, né! (tempo) Quem, ora essa? Você! Lembra? Era só uma chuveirinha festa começar e você já estava lá, escondido, enbaixo da cama da mamãe: "mãe, tem alguém gritando bravo comigo lá de cima, mãe. Quem é que tá em cima gritando desse jeito comigo?" É o eterno jogo de perguntas sem resposta se dava para toda a eternidade: "Mãe, me ajuda, estão gritando bravo

comigo lá do céu, mãe, é, lá do céu, eu to com medo. É o bisco, mãe, é o bisco. Quem é mãe, quem é que tá lá em cima?" (sem de bômbas ao longo, seguida de uma marcha militar, muito longa) Mãe! nunca te respondeu, né? Nunca! (tempo) Quem você acha que era? Deus? O velho senhor de barba sentado num trono assim, todo de ouro, vestido de branco com cara de mais ou menos bonzinho, dizendo: "ai que feio, menino. Não coloca a mão aí que é feio, menino! Cêta que eu vou lançar um raio em você, hein, pra te esmagar. Ai ai ai, menino feio". Quem você acha que era? Sim, porque as pessoas, né, sempre dizem que tudo é porque Deus, esse Deus, quem? Talvez ele tenha mesmo razão que você fosse assim, agora, Deus destino, Deus, a voz de Deus. The voice of God! "God save the Queen". Você sempre teve medo de bróvão, medo de Deus. Sempre abanou a cabeça pra o que era supostamente errado, pra o que Ele dita ser errado. E será que era mesmo? Não? Será que era? Você nunca questionou! (tempo) Deus, o eterno pai. O eterno pai que cria e que destrói ao mesmo tempo. (olhando as próprias mãos e as do outro) Um milhão de células sendo criadas e destruídas a cada milésimo de segundo! Isso me enfada, sabia?, essa ideia de punição? Me enoja, me dá vontade de vomitar. Estamos sempre pensando no que faremos antes pra recebermos algum tipo de punição hoje. A humanidade sempre viveu as custas dos seus antec. A humanidade adora, ama o ontem, não importa se que já se foram, porque o problema não está lá, no passado, está aqui, Johnny, aqui. Nenhum outro instante importa, nunca? Nenhum outro, só este. O tempo presente! O passado está lá, no lugar dele, então, né, deixa ele lá. Não sei porque ficar pensando nele. Pense em mim, chora por mim, lpa... pra mim. Assim diz o presente, cêta me viral Maria e desse povo de chorar pelo leite derramado. É chato, né? É muito chato! E vamos mudar de assunto, porque já cansou. Eu não aguento mais. (tempo, olhando no espelho) Que foi? Afinal, todos precisam de um espelho pra se lembrar de quem são. É natural. As pessoas, Johnny, mesmo as pessoas normais, elas nunca são uma só pessoa. Cada homem é quebrado em 24 frações de uma hora e quebrado de novo dentro dessas 24 frações. É uma pantomima diária ridícula, né, fazer o que? Um homem a cada dia cedendo ao controle máximo do próximo instante. Homens regatos de si mesmos nos bastidores lotados de médicos, clamando por sua vez sob os holofotes do teatro da vida. É um ciclo. O homem nervoso passa o bastão ao calado, que o passa ao visado em sexo, ao introvertido, ao conversador, que volta novamente ao nervoso, que destrói, BUCHÉ, todas as possibilidades de um possível recomeço de jogo. Cada homem, cada ser humano, é uma multidão, uma corrente de idiotas. Essa é a tragédia da vida. E por alguns instantes, nesses dias tão complicados, uma legião de homens sem caráter tornam-se gênios assim, instantaneamente. As nuvens se abrem, os planetas ficam assim numa linhazinha organizada um após o outro, e tudo, mas tudo se torna óbvio. Ai, eles dizem, né, são capazes de dizer, eu não sei onde é que eles armam tanta força pra dizer isso. Eles dizem: "Ah, eu deveria parar de fumar" ou "vejam só como eu, que sou você, poderia ganhar sozinho um milhão de reais" ou "isso e aquilo são a chave da felicidade" ou ainda "torrei e bebei. Esse é o cálice do meu sangue que será derramado por vós, para a redenção dos vossos pecados", e nada de inventarem alguma coisa para acabarmos com essa angústia, essa eterna busca do homem por uma resposta para o segredo do grande fim, que sempre existiu, o qual só descobrimos quando estuermos diante dele, como estamos agora, eu e você, que somos um. Essa é a miserável verdade, é um ciclo.

O cara da fila tem de passar o controle máximo para o próximo, na esperança de ser reconhecido por este ato heróico, e provavelmente acaba passando para o cara que quer só comer batata frita. E o insight para uma possível solução, o brilho, a salvação da humanidade, são confiados a um imbecil de um hedonista ou a um narcisopático... é narcisopático, não é? Eu nem sei o que vem a ser isso! O único jeito acaba sendo você controlar os idiotas em que você também se torna, pegando suas correntes, segurando-as assim pelas mãos, é, e os idotar, né, idotar, idotar, idotar, idotar e aí, por alguns

instantes, os segredos do universo se abrem para nós, e tudo, mas tudo novamente se torna óbvio. Temos, mesmo que seja por alguns instantes, a certeza absoluta de tudo, a resposta para todos os nossos problemas, e otha que não são poucos, hein. Já sabemos como é que começa, somos capazes de pré-supor um possível meio e já temos, não dá pra evitar, a certeza absoluta do fim. The end. The end. Fin. Acabou. Acabou tudo! (tempo) A vida é um frasco barato de saído, Johnny. Quanto mais conhecemos alguma coisa, mais somos obrigados a exprimi-la de um único modo. Que mental! (tempo) Tá com fome? Quer comer alguma coisa? Ainda deve ter! Não está com fome? Ahã, você na comeu nem um pedacinho do bolo, o teu bolo, bolo que eu fiz pra você. Não, não deve estar igual ao de mamãe. Mamãe fazia bolo como ninguém! (tempo) Deve estar bom, não quer? Acho que só exagerei um pouco no açúcar, mas está bom. Come. Tá gostoso. Se você quiser, eu faço alguma coisa, uma outra coisa. Não quer? (tempo) Ainda acha que eu sou um gênio? Quer que eu toque alguma coisa pra você? (tempo. Vai num crescendo). Para. Para com isso. Para, para, pára! (tempo)

Isso não vale, tá me ouvindo? É covardia. Me irrita. Você não sabe como isso me irrita. Tem hora certa pra isso, né? Não é agora. (pegando o diário) Tem hora certa pra isso! (endo o diário) Última tentativa de sofrer menos, ele deixou o único lugar em que tinham estado juntos por tanto tempo e se instalou num único cômodo, na outra margem. Pela única janela, ele avistava no abalo a extremidade da ilha dos cães. Assim, a triste história uma última vez redita, eles ficaram sentados como se fossem de pedra. (tempo) Está se aborrecendo comigo, não é? Quer que eu toque alguma coisa pra você? Ainda acha que eu sou um gênio? (endo) Pela única janela, a madrugada não vertia nenhuma luz. Da rua, nenhum ruído de ressurgimento. A menos que, atirados em sabe-se lá que abismos de consciência, eles estivessem insensíveis à luz do dia, ao ruído de ressurgimento. Que pensamentos, quem sabe. Não. Pensamentos não. Abismos de consciência. De inconsciência. Lá, onde nenhuma luz pode chegar, nenhum ruído. Noites em dias, doravante, o seu quintão, assim como quando o seu coração era jovem. Não dormir mais, não cusar mais, dormir antes do... (vira a página) Antes do sair do dia. Assim, eles ficaram sentados como se fossem de pedra. A triste história uma última vez, redita! (som de bombas mais próximo. Leva a mão depois ao rosto do outro, porém, sem tocá-lo) Eu sou você, Johnny. O seu passado. Aquilo que você era e tinha por obrigação manter como era. Não veja no que você se transformou. Você é agora o resultado daquilo que não se esforçou no passado para que fosse diferente. Um passado, né?, de muitas glórias, de sucessos, reduzidos agora por incapacidades. Você, otha só, é incapaz de se levantar e cusar de si mesmo! Onde foram parar os seus sorrisos, é? O seu bom humor, onde é que foi parar? Onde é que foram parar os seus amigos, Johnny, as mulheres, os aplausos de um público amante da música, a filha-da-puta da grande musa música, onde é que foi parar a música, onde é que foi parar ela? Por quê, meu Deus, os ritmos e as melodias são semelhantes aos estados da alma? Por que é que dói, é? Por que é que dói tanto pensar? Onde você está? Fala comigo, hein. Onde é que você se esconde? (tempo) Quer que eu leia pra você, é isso? (endo as últimas folhas do diário) É eis que se aproximando afinal do final de tudo, digo através desta, póstuma, que renúncia a tudo aquilo que nunca tive. Deixo para o mundo o meu desprazo, a minha angústia que não é só minha, que é do mundo, numa espécie de dor coletiva, a minha tristeza, o meu último piscar de olhos... Deixo para a posteridade, para o mundo que não é só meu, o meu coração, que nunca me pertenceu, que nunca foi de ninguém, nem meu, deixo para os meus pais a lembrança de todos os bons e porque não, maus momentos que passamos juntos; deixo para o mundo as crianças mil que nasceram no dia em que eu fui, enfim, deixo, apenas deixo. Deixo tudo que aprendi e tudo aquilo que aprendi. Tudo aquilo que eu roubei, os olhares dos curiosos nas ruas... (tempo. Respira fundo. Tossiu um pouco... Leva um lenço à boca, mas percebe-se que tem sangue no lenço, que não se dá conta) Lembra-se de mim como de um que ouvia a chuva, como quem ouvia

mesa, como quem medita, mastiga, entre a pressa e a preguiça. (deixa o diário) Fale comigo, Johnny, por favor. Como é que era? Hein? Como é que era a música? A música, como era? Canta comigo, canta. (canta algo desconhecido, meio torcendo, como algo em outra língua, com muita dor) Não consegue, não é? Não resta nada a dizer? O diário está entabecado! Não resta nada... a dizer! (canta um pouco feito aniversário) Muitos anos de vida! (acende novamente a vela do bolo) Iámas, Iámas! Não assim, Johnny, assim, é. Voa, né?, faz o biquinho e sopra assim, bem devagar pra não se esfofurar muito, senão não vai funcionar. Falta-lhe o ar, né? Entendeu? Sopra. (apaga a vela com os dedos molhados) Ainda acha que eu sou um gênio? Esta se aborrecendo um pouco, né? Ainda acha que eu sou um gênio ou não? (tempo) A vela se apagou, olha. Eu apaguei e não é de bom tom. E você, né, mal agradecido, não fez um pedido. (acende a vela novamente fazendo um pedido) Eu quero que o Johnny fale. Eu desejo do fundo do meu coração que o Johnny ande. Desejo mais do que tudo que o Johnny volte a tocar como antes e receba muitos aplausos falcos dos que se dizem amantes da falsa musa música, essa filha-da-puta que me persegue e não me deixa em paz, essa desgraçada. Eu quero que essa dor passe, essa dor do passado, eu quero que passe. Quero que o mundo acabe logo para não ver a dor das outras pessoas, porque minha vida é só dor e não há espaço para outra. Quero que esses apertos no coração, que não me deixam dormir, quero que desapareçam. Amém. (tempo) Respeito, Johnny, amém. Diga assim seja. Sopra a vela, olha, que lindo. Há? Hoje é o seu aniversário. Por isso eu lhe trouxe o presentinho, o sino. Eu só quis agradecer. Tive um de penhorar o velho relógio pra poder comprá-lo, mas... pra que diabos precisaríamos nós de um relógio, o tempo não existe, é uma abstração! (foca o sino) "Tomei e comi. Este é o meu corpo que será entregue por vós. Tomei e bebei. Esse é o sangue da nova e eterna aliança que será derramado por vós e por todos e entre todos os homens, todos", isso também inclui eu e você, "todos os homens para a redenção dos vossos pecados". (foca o sino) Diga amém, assim seja, seu idiota, diga. (alto) Diga! Deus ainda é por nós, se é que ele ainda se lembra de mim aqui, nesse fim de mundo, se é que ele exista de fato, porque onde estará agora ele nesse momento, portanto, quem será contra nós? A? Diga amém. Diga que você não é agora somente um simples resultado daquilo que não se esfofou para que fosse diferente no passado, diga, (muito alto) diz! (foca algo. Começa a verter sangue pela boca. Música. Música para) O xarope, eu vou buscar. Onde é que está? Onde você pôs? Onde foi que eu put aquela merda, onde você está? (pro outro) Johnny, calma. Respire fundo. Ou melhor, não respire. Apenas faça o que eu mandar, está bem? Não dê ouvidos a mais ninguém além de mim. Eu sou responsável por você, ouviu? (tempo) O sino. Toca, Johnny, hein? Quem sabe alguém não vem tirar a gente daqui, dessa tumba, desse mausoléu, foca a porta, a merda desse sino, foca, focal (batem à porta violentamente três vezes. Silêncio) Quem será? Quem é? É a salvação? A redenção? Vá nos tirar daqui? (tempo) Não, o Johnny não está, quem quer falar com ele? Ele não está a fim de conversar com ninguém. Mais parece uma pedra. Vai embora. A hora dele ainda não é essa, vai. Sai daqui (tempo) Johnny, não, você não pode fazer isso comigo, ok? Eu não mandei você olhar pra lá, mandei, mandei, seu temeroso? Mandar? Eu disse pra não olhar, pra não fazer nada, mas você nunca me obedeceu! Vámas, foca o sino porque eu estou mandando. Se Deus de fato existe, ele vai nos tirar daqui, mas não vá com ele, por favor. Ele quer tirá-lo de mim, mas eu não vou deixar. (pra porta) Te ouvindo? Vá embora, ele não quer, você ouviu. Esse silêncio durante todos esses anos quer dizer que ele não quer, portanto, não adianta insistir. (fita o outro, estática) Johnny? Johnny? (tempo. Ele toca o resto do outro. Música. Chuva de Rosas vermelhas. Um uivo dele, terrível. A porta é aberta e o espectador é amassado violentamente da sala de espetáculos para o corredor. Todos os quatro no corredor agora, alinhados. No fundo, estão os quatro atores. Os espectadores vão sendo afastados todos bem lentamente. A porta principal do corredor se fecha. Luz normal na anti-sala. Lembrando que os quatro espetáculos

terão que iniciar e acabar todos ao mesmo tempo, na mesma hora, durante o período de um dia)

Síntese

Lanzetta ou Dois a Três

Uma pequena sala com um a pequena mesa, uma cadeira , um grande espelho e um bico de luz. Dois Atores revestem-se durante um dia, hora como atores hora como condutores, realizando o espetáculo em uma pequena sala para 10 pessoas por vez.

Os espectadores são convidados a viverem a vida de um músico de sucesso no passado mas que nos dias de hoje se encontra em circunstâncias de cadeira de rodas. Um dentre os espectadores é escolhido e conduzido seguido pelos demais, aqui cúmplices deste último encontro, até uma pequena sala onde um ator diz que os dois são a mesma pessoa, presente e passado postas um frente ao outro e juntos relembram a vida de um grande músico do passado, suas dores, angústias, pensamentos sobre a humanidade, a grande guerra, a relação com a mãe e com o sucesso, o medo da morte, etc. Os espectadores aqui são também personagens da história e juntos com os atores vão revelando pormenores de uma vida fictícia.